

## AS NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: QUANDO OS ALUNOS SE TORNAM SUJEITOS NARRADORES

*NARRATIVES IN THE SCHOOL CONTEXT: WHEN STUDENTS BECOME NARRATORS*

*NARRATIVAS EN EL CONTEXTO ESCOLAR: CUANDO LOS ESTUDIANTES SE CONVIERTEN EN SUJETOS NARRADORES*

Cristiane Dias Gonçalves Paula<sup>1</sup>

Valdiene Aparecida Gomes<sup>2</sup>

Francisco Evangelista<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo discute o uso das narrativas como prática escolar na qual o aluno se posiciona como sujeito-narrador. Apresenta a análise de um texto de memórias – Memórias Literárias escrito por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental, para a Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro (5ª Edição). O aporte teórico conta com as valiosas contribuições de pesquisadores como Benjamin (1987); Bakhtin (1992); Leal (2007); Leite e Alferes (2010); Queirós (2012); Costa, Evangelista e Prado (2017), entre outros. Consideramos o trabalho com narrativas uma contribuição valiosa para a condução de práticas pedagógicas assertivas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Narrativas. Memórias Literárias. Sujeito narrador. Prática escolar.

### ABSTRACT

This article discusses the use of narratives as a school practice in which the student positions himself or herself as a subject-narrator. It presents an analysis of a memoir text – Literary Memoirs written by a 6th-grade student, for the Portuguese Language Olympiad – *Writing the Future* (5th Edition). The theoretical framework relies on valuable contributions from researchers such as Benjamin (1987); Bakhtin (1992); Leal (2007); Leite and Alferes (2010); Queirós (2012); Costa, Evangelista, and Prado (2017), among others. We consider working with narratives as a valuable contribution to the implementation of assertive pedagogical practices in the classroom.

**Keywords:** Narratives. Literary Memoirs. Subject narrator. School practice.

### RESUMEN

Este artículo discute el uso de las narrativas como práctica escolar **en la cual** el alumno se posiciona como sujeto narrador. Presenta el análisis de un texto de memorias - Memorias Literarias escrito por un alumno de sexto grado de la educación primaria, para la Olimpiada de Lengua Portuguesa – *Escribiendo el Futuro* (5ª Edición). El marco teórico se basa en valiosas contribuciones de investigadores como Benjamin (1987); Bakhtin (1992); Leal (2007); Leite y Alferes (2010); Queirós (2012); Costa, Evangelista y Prado (2017), entre otros. Consideramos que el trabajo con las narrativas es una contribución valiosa para la implementación de prácticas pedagógicas efectivas en el aula.

**Palabras clave:** Narrativas. Memorias Literarias. Sujeto narrador. Práctica escolar.

Submetido para publicação: **29/04/2024**

Aceito para publicação: **29/08/2025**

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0009-0000-1195-2574> – [cristiane.paula@educacao.mg.gov.br](mailto:cristiane.paula@educacao.mg.gov.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-6911-6015> – [valdiene.gomes@educacao.mg.gov.br](mailto:valdiene.gomes@educacao.mg.gov.br)

<sup>3</sup> Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-6538-3220> – [franciscoe@univas.edu.br](mailto:franciscoe@univas.edu.br)

Desde pequenos somos absorvidos pelas histórias que nos contam. É no ambiente familiar que, sem dúvida, as crianças conhecem as primeiras formas de narração que existem: as histórias contadas pelos mais velhos, os causos e notícias que são compartilhados no dia a dia, os assuntos tratados à mesa, as histórias de ninar ou contos de fadas que são lidos ou contados pelos adultos ou cuidadores. Assim nos explica Benjamin (1985, p. 198), que “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

Desse modo, entende-se que as narrativas fazem parte do processo de conhecimento e autoconhecimento que é iniciado ainda na primeira infância. As crianças aprendem a escutar e a falar ouvindo os outros e reconhecendo-os como transmissores de conhecimento. Com base nas contribuições de Bruner (1997), observa-se que, por volta dos três anos de idade, a criança inicia o desenvolvimento do uso da linguagem e a construção de narrativas. Esse processo não tem como objetivo principal a resolução de questões pessoais, mas sim a compreensão das experiências vivenciadas, situando-se em relação ao que ocorre ao seu redor.

Com o passar do tempo e com a entrada da criança no ambiente escolar, a escola, por sua vez, torna-se o lugar do encontro com o outro. Já na escola, aprendemos a nos relacionar com aqueles que estão além das fronteiras da nossa concepção de comunidade, ainda muito limitada aos familiares e vizinhos, com os quais convivemos antes do ingresso escolar. Nela ouvimos outras e infinitas histórias e, também nos tornamos narradores de nossas próprias memórias. Nesse ínterim, acreditamos que somos, em essência, contadores das vidas alheias e das nossas próprias, tecendo narrativas que tocam o outro e nos revelam a nós mesmos, como reverbera Benjamin (1985, p. 205) “assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo”.

Com o ingresso escolar, nossa capacidade de comunicação tende a se desenvolver progressivamente, visto que a socialização do indivíduo é aprimorada. Entende-se assim, que cabe à escola oferecer e ampliar as possibilidades de interação que envolvam todos os atores da comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, família...). Utilizando metáforas, recurso frequentemente empregado pelo escritor e educador mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (2019), o autor aborda a escola e sua contribuição para a aquisição da leitura e da escrita, destacando que “minha escola foi meu primeiro nó para iniciar toda costura entre meu tempo já vivido e meu tempo ainda sonhado” (Queirós, 2019, p. 22).

Nesse sentido, a metáfora evidencia a importância da escola como o ponto de partida fundamental para o crescimento pessoal e intelectual dos estudantes. Isso se deve à amplitude das interações proporcionadas, não tão somente com colegas e professores, mas também com suas famílias. Uma vez que, segundo Queirós (2019, p.30), “ao reconhecer a existência humana como um sempre convívio com enigmas, a escola cumpre seu ofício”. Essa dinâmica oferece aos

alunos a oportunidade de compartilhar suas experiências e aprimorar suas habilidades tanto na comunicação verbal quanto na escrita. Esse conjunto de vivências e aprendizados na escola e da escola, contribui, significativamente, para capacitá-los como narradores que transmitem suas próprias histórias e visões de mundo, além de transformar aquilo que ouvem em narrativas autênticas e significativas, uma vez que “o diálogo entre o conhecido e o ainda por conhecer torna o trabalho da escola permanente” (Queirós, 2019, p. 30).

Para Walter Benjamin, “o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio” (Benjamin, 1985, p. 221). De acordo com o autor, o narrador busca informações não só em suas próprias experiências, mas também nas de outrem. Assim, quando narramos, somos imbuídos de uma capacidade que nos transforma em propagadores de nossos próprios feitos ou condutores de propagação dos feitos alheios.

Entendemos que as narrativas constituem a materialização, oral ou escrita, por meio da qual cada indivíduo expõe fatos e acontecimentos que contribuem para a construção de sua trajetória de vida. Muitas vezes, sentimentos e experiências permanecem adormecidos em um “quartinho” da memória; contudo, quando estimulados a rememorar tais fatos, iluminamos essas lembranças, e a memória se revela. Como observa Benjamin (1985, p. 205), a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.”

Dentro dessa perspectiva, este artigo tem como objetivo demonstrar a contribuição das narrativas para a produção escrita, realizada por alunos do 6º ano, mediante atividades centradas no gênero Memórias Literárias. Essas atividades foram conduzidas no âmbito da Olimpíada de Língua Portuguesa, 5ª edição, do programa "Escrevendo o Futuro", <sup>3</sup>uma iniciativa do Itaú Social, com coordenação técnica do Cenpec, que visa a contribuir para a melhoria do ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas de todo o país.

A Olimpíada de Língua Portuguesa tem como tema O lugar onde vivo e propõe trabalhos com diferentes gêneros textuais para cada etapa do ensino. No 6º ano, os alunos foram convidados a produzir textos de memórias, fundamentados nas recordações de moradores locais. Por considerarmos o valor pedagógico e o potencial estimulante do trabalho de leitura e escrita proposto por esse programa, bem como as possibilidades de interação entre os alunos e a comunidade, optamos por analisar um texto de memórias produzido por um dos estudantes

---

<sup>3</sup> O Programa Escrevendo o Futuro, criado em 2002, foi transformado em política pública em 2008, por meio de uma parceria com o Ministério da Educação e a realização da Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro, que realizou em 2021 sua 7ª edição.

participantes. Para fundamentar este estudo, partimos da proposição de Bartolomeu Campos de Queirós a qual aponta que “ler é inteirar-se de outras proposições, é confrontar-se com outros destinos, é transformar-se a partir da experiência vivenciada pelo outro e referendada pelo fruidor. Existe, pois, ação educativa maior do que esta de formar leitores?” (Queirós, 2019, p. 76).

## O LUGAR DAS MEMÓRIAS

Recordemos aqui as palavras da grande escritora mineira Adélia Prado: “o que a memória ama, fica eterno.” Esse verso, presente no poema Para o Zé, que integra a coletânea Poesia Reunida (2015), convida à reflexão sobre como as memórias se inscrevem em nós ao longo da vida, à medida que somos inundados por pequenas eternidades dentro de nós. Até o momento em que nossos repositórios íntimos estão repletos de memórias, segredos que transbordam nas lembranças do que vivemos, sejam alegres ou dolorosas, das saudades que ficaram, das feridas que ainda sangram e das coisas que resistiram ao tempo, implacável condutor da vida.

O lugar das memórias é uma dimensão única e intrínseca à experiência humana. Dentro de nós reside um vasto repositório de lembranças, cada uma carregada de emoção e significado. Essas lembranças podem ser como preciosas relíquias guardadas em cofres secretos da mente, prontas para serem desenterradas e revividas a qualquer momento. Nesse sentido, alerta Pollak (1992, p. 204), que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”.

É fascinante como os recantos da nossa memória podem ser tão diversos e complexos. Alguns são como jardins exuberantes, onde florescem as lembranças mais vívidas e felizes. Outros podem se assemelhar a labirintos sombrios, onde residem lembranças dolorosas ou traumáticas, às vezes escondidas por camadas de esquecimento. Nessa esteira, afirmam Leite e Alferes (2010, p.14) “com base na formalização conceitual de memória, notamos que a própria concepção de discurso como funcionamento abre a possibilidade de pensarmos num espaço em que o jogo material da língua se inscreve na dimensão da história.”

Em seus estudos, Bakhtin (1992), ao se referir à memória afirma que cada momento vivenciado por um indivíduo é tanto conclusivo quanto instigante de novos desdobramentos.

Dentro dessa ótica, o autor argumenta que a memória possibilita que alguém reconstrua, no presente, sua identidade, dando a ela um desfecho harmonioso. Para o autor “até certo ponto, a memória não tem esperança, mas em compensação, só ela é capaz de formular, sem levar em conta a finalidade e o sentido, um juízo sobre uma vida inteiramente presente em sua realização e seu acabamento” (Bakhtin, 1992, p.122).

Nessa mesma esteira, os estudiosos Costa, Evangelista e Prado (2017) reforçam que o lugar das memórias não deve ser compreendido apenas como um espaço mental, isso porque ele também se enraíza nos ambientes físicos que habitamos. Uma simples música pode evocar um lugar específico no tempo, transportando-nos instantaneamente para momentos passados. Um aroma familiar pode desencadear uma cascata de lembranças, trazendo de volta sentimentos há muito perdidos.

Segundo Paul Ricoeur (1986), o valor da memória não reside apenas no que ela retém do passado, mas principalmente na sua capacidade de nos fazer entender, contar e intervir na realidade. Sendo assim, a memória está intimamente associada ao seu papel ético, formador da identidade e estruturante da narrativa. O seu valor não está apenas na preservação do passado, mas na forma como nos ajuda a interpretá-lo e a agir conscientemente no presente. De acordo com Ricoeur (1986), é ao elaborar um enredo para a história vivida que a experiência ganha forma, sentido e é reinterpretada com base nessa estrutura narrativa.

Ao trabalharmos com o resgate das memórias dentro do ambiente escolar, para depois recontá-las e transformá-las em registros únicos e imensuráveis da trajetória de vida de alguém, proporcionamos aos alunos uma oportunidade de encontro entre o que vivemos e as vivências do outro. Nesse sentido o autor Gomes Junior (2020, p. 204) defende que “nossas vidas são orientadas por narrativas com as quais nos relacionamos, por relações de identidade e alteridade”.

Assim, ao tomar para si as experiências vividas por outra pessoa, dá-se vida a essas memórias e, de certa forma, elas se tornam atuais quando narradas. Benjamin (1985) ao traçar uma analogia entre vivência e experiência estipula uma conexão entre memória, experiência e narrativa. Assim apregoa o autor que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (Benjamin, 1985, p. 205).

Não obstante, o lugar das memórias pode ser um terreno instável. Para Costa, Evangelista e Prado (2017), a mente humana é suscetível a distorções, esquecimentos e

reconstruções inadvertidas. Portanto, as memórias que guardamos nem sempre são retratos precisos do que realmente aconteceu. Mas podem ser interpretações subjetivas, filtradas através das lentes da percepção e do tempo.

Desse modo, o lugar das memórias é um santuário da alma, um refúgio onde podemos nos perder e nos encontrar ao mesmo tempo. É um espelho que reflete quem fomos, quem somos e quem poderemos ser. É um testemunho da nossa humanidade, uma ode à capacidade infinita do ser humano de viver, amar, aprender e crescer através do prisma das lembranças. Nesse sentido, segundo Leal (2006), o conceito de memória e de sua funcionalidade continua sendo a tônica de investigação que se transforma e adapta no decorrer da história, sobretudo, para a ciência.

Ademais, os autores Costa, Evangelista e Prado (2017), reforçam que apesar de sua natureza fugaz e imperfeita, o lugar das memórias é um tesouro inestimável. Cada lembrança é uma peça do quebra-cabeça da nossa vida, contribuindo para uma narrativa única que é a nossa existência. É por meio das nossas memórias que traçamos nossa jornada pessoal, tecendo uma tapeçaria rica e complexa que nos define como indivíduos.

Com base nas reflexões acerca da memória, relato e análises expostas neste artigo, almejamos estabelecer conexões entre as lembranças compartilhadas por residentes antigos de uma região específica. A intenção é que, ao serem narradas, essas memórias possam ser acolhidas e, habilmente, transformadas no gênero discursivo memórias literárias, pelo aluno sujeito – narrador.

Nesse ínterim, as atividades propostas pelo “Programa Escrevendo o Futuro” da Olimpíada de Língua Portuguesa levaram os alunos a entrevistar os moradores locais, a ouvir suas histórias e seus relatos, que muitas vezes, se misturaram com a própria história do lugar e então a reescrevê-los. Nessa perspectiva, Ricoeur (2003) argumenta que a memória contribui para a formação da identidade, impulsionada pela função narrativa. Já o sujeito narrador, que no caso desse estudo é o aluno, ao reescrever essas histórias, apropria-se do pertencimento ao lugar e, simultaneamente, reconhece-se como parte integrante dessa história.

## **NARRANDO A HISTÓRIA DO OUTRO**

O aluno quando assume o papel de narrador das histórias alheias, é convidado a exercitar a empatia, a colocar-se no lugar do outro e a tentar compreender suas vivências, alegrias e dores. É um ato de humildade e generosidade, com o qual deve abandonar, temporariamente, sua própria narrativa para dar voz àqueles que, de outra forma, poderiam permanecer silenciados. Sob essa

ótica, afirma Benjamin (1985, p.221), “o narrador figura entre os mestres e os sábios” “[...] pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer)”. Assim, ao contar a história do outro o estudante torna parte dela e assume o papel de protagonista junto daquele que a conta. Conforme Leal (2007, p. 102) observa, “a experiência coletiva da troca permite ir além do que esses sujeitos pensam de suas próprias memórias, alcançando suas próprias concepções, valores e crenças”. **Desse modo**, ao compartilhar sua própria memória e ouvir a do outro, estabelece-se uma interação que aprofunda e amplia essas experiências. .

Narrar a história do outro é também uma forma de honrar sua humanidade, reconhecendo sua dignidade e valor intrínseco. De acordo com Abrahão (2003), as narrativas possibilitam, dependendo da maneira como são contadas, tornar universais as experiências vividas ao longo das trajetórias das pessoas entrevistadas. Cada pessoa é uma fonte inesgotável de sabedoria e aprendizado e ao compartilhar suas histórias somos enriquecidos não apenas em nosso entendimento do mundo, mas também o tecido social no qual estamos inseridos. Contribuem para esse entendimento as palavras de Machado (2016, p. 115), “o ser humano é assim narrador de si mesmo, mas também, narrador do outro, de outros, de outras vozes que pronunciaram outras palavras que as suas, como diria o grande Mestre russo Bakhtin (1970)”.

Dentro dessa linha de pensamento, Walter Benjamin (1985) argumenta que a narrativa, mesmo que de forma implícita, sempre contém uma dimensão utilitária. Ele ressalta que essa utilidade pode se manifestar de várias maneiras, seja através de um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida. Em outras palavras, o narrador é alguém com a capacidade de aconselhar. Benjamin (1985) associa essa habilidade de aconselhar à sabedoria, sugerindo que apenas os indivíduos sábios, aqueles que acumularam experiências ao longo da vida, são capazes de oferecer conselhos significativos.

No entanto, narrar a história do outro não é uma tarefa trivial. Requer sensibilidade, respeito e cautela para evitar cair em armadilhas de estereótipos, preconceitos ou simplificações excessivas. É essencial ouvir com atenção, validar as experiências do outro e transmitir sua história com autenticidade e integridade. Isso faz com que as narrativas de vida não sejam todas iguais ou uniformes (Machado, 2016), por isso, narrar a história do outro implica assumir a responsabilidade pela maneira como essa história é contada e recebida. Como narradores, temos o poder de moldar a percepção pública e influenciar as narrativas dominantes e é fundamental

exercer esse poder com ética e consciência, respeitando a autonomia e a vontade daquelas cujas histórias estamos compartilhando. Nesse sentido, Ricoeur (2003) apregoa que

No plano mais profundo, nas mediações simbólicas da ação, a memória está incorporada à constituição da identidade através da função narrativa. E como a configuração da trama dos personagens do relato se realiza ao mesmo tempo que a história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação (Ricoeur, 2003, p.116, tradução nossa).

Portanto, narrar a história do outro é um ato de criação conjunta, no qual o narrador e o protagonista se encontram em um diálogo íntimo e profundo. É uma dança entre as palavras e os silêncios, entre a luz e as sombras, na qual buscamos capturar a essência única de cada vida e compartilhá-la com o mundo como um presente precioso e transformador. Como afirmou Walter Benjamin (1985), o narrador assimila as experiências que relata - sejam suas próprias ou de outros - e as integra à vivência dos ouvintes.

Em consonância com as ideias defendidas neste texto, Machado (2016) declara que no âmbito de uma análise discursiva que considera os movimentos da sociedade, é consensual reconhecer que as narrativas de vida compartilham a característica de espelhar a sociedade onde ocorreram, ou ao menos, destacar alguns de seus aspectos. Sendo assim, as narrativas contam, recontam fatos, fazem aflorar aquilo que parecia esquecido. Recontar é contar de novo, mas é também muito mais do que isso. É uma celebração da criatividade humana, da nossa capacidade de aprender com o passado e imaginar novos futuros. Pois, cada vez que contamos uma história, descobrimos algo novo sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor.

O ato de recontar é mais do que simplesmente repetir uma história. É uma oportunidade de reinterpretar, reimaginar e reviver uma narrativa de uma maneira nova e única. Ao recontar uma história, mergulhamos novamente em seus detalhes, exploramos suas nuances e oferecemos uma nova perspectiva sobre os eventos e personagens envolvidos. Por esse viés, Benjamin (1985, p. 221) apregoa que “o narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”. Desse modo, uma história pode ser uma forma de homenagear suas origens, mantendo viva sua essência enquanto a adaptamos para diferentes contextos ou públicos. É como dar nova vida a uma obra de arte, difundindo-a com nossa própria criatividade e visão única. Para Benjamin (1985, p. 221) “o narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”.

No entanto, recontar uma história também pode representar uma oportunidade de corrigir equívocos, preencher lacunas ou adicionar novas camadas de significado que talvez não tenham



sido exploradas anteriormente. É um processo dinâmico e fluido, no qual a história evolui e se transforma à medida que é contada novamente. Nesse sentido, ao criar uma narrativa de vida, o indivíduo representa uma forma de objetivação pessoal, oferecendo uma potencial visão de si mesmo com base nas experiências vividas (Lessa, 2013).

Além disso, recontar uma história configura-se como uma forma de manter viva uma tradição oral ou cultural, transmitindo-a de geração em geração. É como passar o bastão da sabedoria, garantindo que as histórias que moldaram nossa identidade coletiva continuem a ressoar através do tempo. Porto assevera que (2011, p. 437), “ao narrar, estamos sempre no entorno e no centro, pois o sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar a história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele”.

## **A CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS**

No fluxo da experiência humana, as lembranças emergem como elementos singulares e significativos, cada uma contribuindo de forma única para a construção da identidade e para a compreensão do percurso vivido. Tal como fragmentos que se deslocam ao sabor do tempo, a memória revela-se como um instrumento fundamental na articulação entre o passado e o presente (Ricoeur, 2003).

São como peças de um quebra-cabeça intrincado, formando a tapeçaria colorida da vida. Assim, reforça Leal (2007, p. 100) que “a história de cada um é uma narrativa que é recriada pelos outros interlocutores em relação a si mesmos, nas quais se acredita, consciente ou inconscientemente”, uma vez que memória e imaginação estão interligadas, frequentemente se fundem e criam conexões profundas.

Para Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”, Percebemos nessa passagem, que as narrativas trazem em si a essência da natureza humana. Assim como nos recordamos dos dias ensolarados da infância, quando o tempo parecia esticar-se ao infinito e cada momento era repleto de aventuras, como se aquelas risadas ecoassem ainda hoje, tão vívidas como se tivessem acabado de acontecer. Tudo isso revela a riqueza da experiência humana, capturada e transmitida por meio das histórias.

Às vezes, as lembranças são mais melancólicas, recordamos dos momentos de perda e tristeza, quando o peso da saudade parecia insuportável. A dor da despedida ainda ecoa dentro de nós, mas também encontramos conforto nas lembranças preciosas que mantemos conosco.

Ricoeur (2003) explica que a memória de alguém não se limita apenas à pessoa em si, às suas observações, sensações e aprendizados, mas abrange também as circunstâncias cotidianas em que esteve presente, experimentou e adquiriu conhecimento.

No entanto, não são apenas os grandes eventos que povoam nossas lembranças. São os pequenos detalhes, os momentos aparentemente insignificantes, que verdadeiramente dão cor à nossa história. O cheiro do café pela manhã, o som da chuva batendo suavemente na janela, o toque de uma mão amiga - são esses pequenos tesouros que enchem nosso coração de gratidão. Por conseguinte, contar as memórias de alguém é alimentar-se de suas vivências, das experiências que ela relata, é dar-lhe vida, trazê-la para o momento atual. Essa ideia dialoga com a afirmação de Benjamin (1985, p. 205), segundo a qual, “a narrativa não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório”.

À medida que o tempo avança, inexoravelmente, percebemos que nossas memórias se tornam ainda mais preciosas. Cada nova experiência/vivência é uma testemunha silenciosa das histórias que vivemos, das batalhas e desafios que enfrentamos e das alegrias e tristezas que compartilhamos. Para Benjamin (2004), a memória não deve ser vista apenas como uma ferramenta para investigar o passado, mas sim como o próprio espaço onde a experiência aconteceu — tal como o solo que guarda, sob suas camadas, os vestígios de cidades antigas. Aquele que deseja reencontrar o seu passado encoberto precisa proceder como um investigador da própria memória, analisando com rigor e sensibilidade as camadas profundas da experiência vivida. E embora o futuro possa ser incerto, encontramos conforto na certeza de que nossas memórias permanecerão como um farol, iluminando o caminho à frente.

Por fim, de acordo com Labov (1997), uma narrativa de experiência pessoal é descrita como o relato de uma série de eventos que se tornaram parte da vida do narrador, apresentados em uma sucessão de frases que refletem a ordem dos acontecimentos. Esse texto de memórias não deve ser entendido apenas como um registro do passado, mas como um testemunho vivo da nossa jornada. É uma ode à vida, com todas as suas complexidades e contradições, uma celebração da beleza efêmera do momento presente e um lembrete gentil de que, no final das contas, são as memórias que verdadeiramente nos definem.

## **AS NARRATIVAS PRODUZIDAS POR ALUNOS E ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

As narrativas registradas por alunos do ensino fundamental são muito mais do que simples lembranças. De acordo com Benjamin (1985, p.198) “entre as narrativas escritas, as melhores

são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Além de recordações de momentos vivenciados, essas narrativas são testemunhos vivos de uma fase única e especial da vida, na qual a inocência se mistura à aprendizagem, a brincadeira com a responsabilidade, em que cada dia é uma aventura esperando para ser vivida. Suas narrativas são como janelas abertas para os mundos interiores de cada aluno, revelando suas experiências, pensamentos e emoções de uma maneira única e pessoal.

Cada história contada pelos educandos é uma viagem feita por meio de suas vivências, sonhos e desafios, oferecendo *insights* valiosos sobre sua jornada de aprendizado e crescimento. Por meio de suas narrativas, podemos descobrir o que realmente importa para eles, suas paixões, seus medos, suas aspirações e suas lutas diárias. Também é possível testemunhar suas vitórias e suas derrotas, suas alegrias e suas tristezas, e compreender melhor as complexidades de suas vidas. Nas palavras de Leal (2007, p. 100) “não há dúvida de que a memória permite um modo diferenciado de compreender o mundo”.

No coração da escola, entre o tilintar dos sinos e os risos infantis, florescem memórias tão vibrantes quanto as cores do arco-íris. São tesouros preciosos, guardados nos recantos da mente de alunos do ensino fundamental, prontos para serem compartilhados e celebrados. Para Leal (2006), ao longo da história o estudo do conceito de memória e de sua operação tem evoluído e se adaptado, especialmente no contexto científico, visto que a memória é entendida como a habilidade de uma pessoa para adquirir e reter informações desempenhando um papel fundamental no processo de aprendizagem.

Lá, na escola, onde as carteiras de madeira se tornam palcos de aprendizado e descobertas, cada dia é uma nova página a ser escrita na história de suas vidas. As memórias se formam em cada traço de giz no quadro-negro, em cada página de livro virada com entusiasmo, em cada conversa com os amigos nos intervalos das aulas. Há memórias das travessuras travadas nos pátios da escola, onde risadas ecoam e amizades são forjadas.

Memórias também nascem nos desafios enfrentados nas salas de aula, onde a curiosidade é alimentada e os horizontes são expandidos. São os momentos de orgulho ao superar dificuldades, as descobertas de novos interesses e as lições valiosas aprendidas com os professores dedicados que moldam seus caminhos. Para Aragão (1992, p.49), “a memória é, para cada um de nós, a provisão de imagens que responde às nossas necessidades, que traduz e reflete a nossa personalidade, o nosso eu íntimo e profundo”. As narrativas dessas memórias são como fios de ouro que tecem a tapeçaria da experiência de cada aluno, os alicerces sobre os quais construirão seus futuros, as histórias que contarão aos seus filhos e netos, as lembranças que os acompanharão ao longo de suas vidas.

Além disso, as narrativas dos discentes nos ajudam a entender como eles percebem o mundo ao seu redor. Podemos descobrir suas visões únicas sobre questões sociais, culturais, políticas e ambientais, bem como suas reflexões sobre o seu papel na sociedade e no mundo em geral. Conforme Paulo Freire (1987, p. 77) “não há palavra verdadeira que não seja práxis”. Nesse sentido, essas narrativas nos oferecem uma oportunidade de ver o mundo através de seus olhos, de experimentar sua realidade de uma maneira mais profunda e significativa.

Ao contar suas histórias, os educandos aprendem a articular seus pensamentos e sentimentos, a desenvolver sua capacidade de comunicação e a fortalecer sua autoconfiança. Como destaca Freire (1987), a “palavra verdadeira” quando articulada com a prática do diálogo, representa uma expressão genuína de compromisso com o mundo e com a humanidade. Essa compreensão além de nos fazer lembrar da importância de ouvir atentamente, de valorizar a diversidade de experiências e perspectivas e de cultivar um ambiente onde todos os alunos se sintam seguros, respeitados e capazes de expressar quem são.

Para Lech (2021, p. 21), “educar pode significar iluminar o caminho do educando, já que a ação de percorrer esse caminho depende mais dos valores humanos aprendidos do que dos conhecimentos construídos”. Portanto, as narrativas dos alunos podem ter um impacto significativo no ambiente educacional como um todo, são mais do que simples relatos de suas vidas. Isso porque são ferramentas poderosas para a expressão criativa, a autoexpressão e o desenvolvimento pessoal. Elas podem inspirar debates construtivos, promover a compreensão mútua e fortalecer os laços entre os membros da comunidade escolar, sendo elos construtivos para uma educação que liberta (Freire, 1987).

Como nos diz Benjamin (1985), nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Isto é, quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia (Benjamin, 1985, p. 204).

## **EXPLORANDO AS MEMÓRIAS LITERÁRIAS: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL**

O material analisado neste artigo é uma produção de texto realizada no contexto escolar durante a aplicação de uma sequência de atividades organizadas a partir do material de apoio distribuído pelo Programa – Escrevendo o Futuro – Olimpíada de Língua Portuguesa 5ª Edição.

Baseado no material de apoio, a professora organizou uma sequência de atividades para trabalhar o gênero Memórias Literárias com o 6º ano do Ensino Fundamental II.

A escolha da abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, para este artigo justifica-se pela necessidade de compreender os sentidos mais profundos de um texto de memórias literárias, que vai além da simples análise formal. O texto analisado — finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro, dentro do tema “O lugar onde vivo” — foi produzido por um aluno a partir de uma entrevista com um morador antigo da cidade, que compartilhou suas vivências, lembranças e impressões sobre o passado local.

Nesse contexto, o enfoque interpretativo permite compreender como o aluno, ao transformar a entrevista em um texto literário, reconstrói essas memórias por meio de uma narração em primeira pessoa, assumindo a voz do entrevistado como se as recordações ali contadas fossem dele próprio. Essa escolha narrativa evidencia uma relação simbiótica entre o autor e o narrador-personagem, conferindo à narrativa um tom de autenticidade e envolvimento afetivo.

A análise interpretativista, portanto, é essencial para captar os sentidos implícitos nessa construção subjetiva e simbólica, permitindo compreender como a linguagem é utilizada para representar identidades, resgatar histórias e valorizar a memória coletiva. Por meio dessa lente, torna-se possível entender como o aluno, a partir de uma escuta sensível e uma escrita criativa, dá vida às experiências do outro, revelando o papel formativo da escola e da escrita na valorização das vozes locais.

As atividades propostas partiram do possível conhecimento anterior dos alunos acerca do gênero memórias literárias. Para isso foram lidos e ouvidos vários textos de memórias e a professora de Língua Portuguesa destacou, juntamente aos estudantes do 6º ano, as características e as especificidades desse gênero textual. Tal cuidado se justifica pelo fato de que, dentro da Olimpíada, um dos quesitos avaliativos era que a produção do aluno fosse escrita na 1ª pessoa do singular. Daí, a importância de o aluno perceber que, mesmo ouvindo a história de uma outra pessoa, ele deveria recontá-la em primeira pessoa, como se ele estivesse contando a sua própria memória, isto é, se fazendo passar pela pessoa que foi entrevistada. Tal tarefa é explicitada nas considerações de Marcuschi (2012)

No âmbito das práticas pedagógicas, tais como as propostas pela Olimpíada Escrevendo o Futuro, o gênero memórias literárias adquire contornos mais definidos e transparentes [...] além de assumir um novo e decisivo traço: as memórias não são propriamente do autor (aluno), mas de uma terceira pessoa, cuja perspectiva, todavia, precisa ser assumida pelo narrador/autor (aluno) em primeira pessoa (Marcuschi, 2012, p. 59).

Em seguida, os alunos participaram de outras atividades a fim de compreenderem as particularidades da produção escrita do texto de memórias dentre as quais, foram realizadas atividades como: descrição oral e escrita de um objeto pessoal ou que pertença à família dos alunos, escolhido por eles para ser apresentado à classe na aula “ Tesouro de Família”; em visita à biblioteca escolar, os alunos foram apresentados a diversos materiais que contavam a história da escola desde a fundação até os dias atuais, arquivos em fotos, registros escritos, como a Ata da Criação da mesma, uma exposição em miniatura dos uniformes escolares utilizados ao longo dos anos, e outros documentos históricos. Ainda, para estimular as produções escritas, os alunos assistiram a um curta-metragem intitulado Dona Cristina perdeu a memória<sup>4</sup>, além das atividades em rodas para a escuta de textos de memórias, gravados em áudios, fornecidos no material de apoio do programa Escrevendo o Futuro, 5ª edição. Por fim, como sugestão desse mesmo material, os alunos em conversa com conhecidos ou familiares deveriam realizar uma entrevista com um idoso, morador da cidade ou do município há vários anos. Feitas, pelos próprios alunos, as escolhas dos entrevistados, as entrevistas foram realizadas, nas casas desses moradores. Momentos que foram registrados em fotos ou vídeos e apreciados posteriormente, em sala de aula por todos os alunos.

Para a construção deste artigo, foi escolhido como material de análise o texto selecionado pelas comissões julgadoras — da escola e do município — integrantes do programa. Essa escolha atendeu a critérios definidos pela comissão avaliadora, entre os quais se destacam: Adequação ao tema – Lugar onde vivo; adequação ao gênero ( memórias literárias); marcas de autoria e convenções da escrita, após as etapas de leitura do material disponibilizado, atividades de produção textual com base em objetos e recordações, entrevista, escrita e reescrita do texto de memórias — que contou com a participação de aproximadamente 50 alunos do 6.º ano — ,chegou-se ao consenso, por parte das comissões escolar e municipal, sobre o texto que representaria a escola na 5ª edição da Olimpíada.

Sob orientações do regulamento do Programa Escrevendo o Futuro – 5ª Edição, foram recolhidos todos os textos produzidos pelos alunos, tendo como base as respostas das entrevistas que realizaram e momentos de correções e reescrita em sala de aula, como atividade de aprimoramento e correção textual. Em seguida, uma pré-seleção foi realizada pela professora e a orientadora pedagógica, tendo como referência os critérios descritos no regulamento, sendo

---

<sup>4</sup> **DONA CRISTINA perdeu a memória.** Direção: Ana Luiza Azevedo. Brasil: Casa de Cinema de Porto Alegre, 2002. Curta-metragem. Disponível em: [http://www.portacurtas.com.br/curtanaescola/pop\\_160.asp?cod=1454&Exib=5513](http://www.portacurtas.com.br/curtanaescola/pop_160.asp?cod=1454&Exib=5513). Acesso em: 20 set. 2025.

selecionados três textos. Tais textos foram enviados à comissão julgadora municipal, criada para atender às solicitações do programa, a qual selecionou o texto que seria enviado como o texto de Memórias e que representaria a escola nessa edição da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Nesse ínterim, a produção do texto de memórias aqui analisada, baseia-se em uma entrevista realizada com um antigo morador/moradora da cidade/ município, dentro do recorte temático colocado pela Olimpíada que é “O lugar onde vivo”. Os alunos coletaram dados sobre a história do lugar contada a partir das lembranças e experiências vividas por aquele morador/moradora. Nesse contexto, percebe-se que, de forma indireta, ao escrever as memórias literárias desses entrevistados, os alunos não apenas aprenderam sobre o ambiente em que vivem, mas também sobre as pessoas e os elementos distintivos da comunidade.

A análise interpretativa aqui proposta destaca os critérios de identificação de marcas de autoria, uso de linguagem narrativa, articulação entre memória pessoal e coletiva. Para dar suporte e embasamento teórico, optou-se pelos autores Walter Benjamin (1985), Michel Pollak (1992), Leiva Leal (2007), Jerome Bruner (2002) e Bartolomeu Campos de Queirós (2019), conhecidos por seus trabalhos relacionados ao estudo e valorização das memórias e da defesa dessas narrativas como forma central de construção, identidade e interpretação da realidade.

## **A ENTREVISTA**

O gênero entrevista foi utilizado como estratégia colaborativa para a produção do texto de memórias. De posse do questionário estruturado pela professora, o aluno realizou a entrevista com uma moradora da cidade/ município. O texto de memórias teve como base as respostas da entrevistada, obtidas durante a entrevista realizada pelo aluno/ narrador. A entrevistada falou sobre fatos vividos no lugar em que residia e coube ao aluno entrevistador construir o texto de memórias entrelaçando os fatos, organizar os elementos em sequência linear e expor as sensações transmitidas. Ao narrar em primeira pessoa apresentou as memórias de alguém que as viveu e das quais se recorda com saudade e orgulho.

## **QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA ENTREVISTA**

1. Nome completo do entrevistado(a)
2. Data e local de nascimento
3. Endereço
4. Como foi sua infância?
5. Quais brincadeiras você brincava? Com quem você brincava?
6. Qual brincadeira mais gostava? Por quê?

7. Tinha muitos amigos? O que vocês faziam nas horas vagas?
8. Como era o lugar onde você morava com sua família? Você tem saudades deste lugar, das pessoas que ali moravam? Você lembra o nome de algum vizinho?
9. Qual o momento de sua vida que você gosta de recordar, por que foi muito bom?
10. Como era sua casa? Quantas pessoas moravam com você? Sua casa ficava na área rural ou na área urbana?
11. Quando se fala em família, lembramos momentos bons, principalmente nos momentos quando nos sentávamos à mesa, ou ficávamos na cozinha ou na varanda para comermos. Qual a comida que você mais gostava de comer quando era criança? Quem preparava?
12. tempo passou e todos nós sentimos saudades de algo que foi bom e que hoje não tem mais, ou não existe mais. Se você pudesse voltar no tempo, o que você traria novamente para os dias atuais? Por quê?

## **ANÁLISE DE UM TEXTO DE MEMÓRIAS PRODUZIDO POR UM ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

A seguir apresenta-se o texto vencedor da etapa municipal, escrito por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental II, que participou da Olimpíada de Língua Portuguesa – 5ª Edição – Escrevendo o Futuro, como o tema “O lugar onde vivo – Gênero: Memórias Literárias”. O texto de memórias teve como base as respostas de uma entrevistada obtidas durante a entrevista realizada pelo aluno/ narrador.

### **Entre tachos de cobre**

Recentemente me mudei para Dom Cavati, cidade que sempre conheci, pois minha residência ficava a 18 km de distância daqui. Na minha época de criança não morei em cidade, sempre morei na zona rural, tínhamos um sítio próximo ao distrito de Socapó, hoje cidade de Dom Cavati. Morávamos num lugar maravilhoso que minha mãe herdara de seu pai, já falecido. Lá havia uma casa espaçosa construída pelas mãos de minha mãe, também havia um jardim de flores e um pomar com grande variedade de frutas.

Lembro-me com alegria e saudade do dia em que minha mãe comprou uma charrete e um cavalo para agilizar nossas atividades no sítio, transportar coisas, irmos à cidade fazer compras, à igreja aos domingos e fazer algumas visitas.

Antigamente, lá em casa, brincávamos separadas dos meninos, acho que é porque eles não gostavam de nossas brincadeiras que quase sempre eram: roda-roda, pular corda, casinha, bonecas e cantar cantigas folclóricas e é claro, só brincávamos quando nossos pais não estivessem precisando de nossa ajuda.



Minha vida escolar começou com duas professoras leigas, que moravam próximas à nossa residência, não existiam escolas naquela localidade, eu e meus irmãos íamos a casa delas, aprendíamos ler, escrever, fazer as quatro operações, sabíamos a tabuada de cor, além disso, fazíamos trabalhos manuais, como bordados. Aos onze anos de idade fiz “Teste de Admissão”, uma espécie de prova que me daria o direito de ingressar em um colégio. Assim, fui levada para a cidade de Caratinga onde estudei por quatro anos. Lá eu morava em regime de internato, na única escola para moças, da cidade.

O tempo passou e eu voltei para a casa de meus pais. Nesse período exerci a profissão de professora, casei-me em 30 de abril de 1958, mudamos para uma localidade vizinha, eu e meu marido, tivemos dez filhos, trabalhamos muito e juntos adquirimos várias propriedades, construímos uma vida abençoada e muito feliz.

Da minha mãe guardo até hoje como lembrança, as vasilhas que ela usava para preparar nossos alimentos, era nos tachos de cobre que ela preparava quase tudo, torrava farinha de mandioca, fazia doces, fritava a carne de porco e tudo o que precisava para a nossa alimentação, naqueles tachos e entre aquelas mãos recebíamos o amor e a dedicação que fizeram de nossa família um exemplo a ser seguido. Eu, meus pais e cinco irmãos vivemos uma vida de lutas, mas também de vitórias. Acredito que os tachos de cobre que hoje me fazem despertar essas memórias guardam também as marcas do trabalho e das vitórias de minha vida.

Hoje, acomodei-me à tecnologia, celular, televisão, fogão a gás e máquina de lavar, tudo me parece mais fácil e superficial. Sinto falta das amizades sinceras e duradouras construídas ao pé do fogo dos fogões a lenha e o aroma inconfundível das quitandas preparadas nos tachos de cobre da cozinha de minha mãe. (Texto baseado na entrevista feita com uma moradora de 84 anos - Município de Dom Cavati – MG)

Após realizada a entrevista com a moradora da cidade, o aluno, de posse das lembranças relatadas pela entrevistada, inicia o texto de memórias apresentando o local onde a moradora vivia, e ainda vive, além dos elementos de suas origens, como filiação e fragmentos da história da família. Como apregoa Benjamin (1985, p. 213) “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo que a lê partilha dessa companhia” e dessa maneira, ao escrever a história do outro, esse aluno se vê acompanhado das memórias narradas. Nesse instante, o aluno narrador das memórias se coloca no lugar do detentor dessas lembranças e as apresenta. Para Benjamin (1985, p.198), a arte de narrar é “a faculdade de intercambiar experiências”, isso posto, entende-se que a narrativa vai além da tarefa de contar histórias, transforma-se **transforma-se** em uma forma de compartilhar experiências e conhecimentos entre pessoas.

Portanto, o aluno ao narrar as memórias da entrevistada, está, efetivamente, envolvido nesse processo de intercâmbio das vivências. Isso porque, o estudante além de recontar as lembranças da moradora, também se envolve com elas, as compartilha e as transmite para os leitores. Assim como em Benjamin (1985, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes”. Essa prática enriquece a compreensão do aluno sobre a história local e promove um senso de conexão e de comunidade ao compartilhar essas memórias com outros.

Adiante, no texto, marcas e impressões deixadas na memória da entrevistada são revestidas de saudosismo e de contentamento. Elas são registradas em pedaços de recordações sobre o dia a dia, sobre as atividades realizadas no sítio, as responsabilidades e os momentos de descontração que são narrados com intensidade e repletos do colorido da saudade que aflora nas palavras do aluno que as narra. Esse processo de entrevista e registro das memórias dessa moradora local, parece ter proporcionado ao aluno uma oportunidade única de adentrar em uma perspectiva singular de compreensão do mundo, tal como ressaltado por Leal (2007).

De forma semelhante, o aluno/narrador continua seu texto trazendo as lembranças da entrevistada que são específicas do seu ingresso na vida escolar. Aqui, o passado se faz grande e distante da realidade de hoje, porém, cheio de informações, conhecimentos da vivência das pessoas de um tempo remoto, mas ainda presente, latente, conservado no baú das memórias da entrevistada. A escola era “em casa” e fala das professoras “leigas”, isto é, sem formação, vê-se que a prioridade era o básico, ler, escrever, fazer as quatro operações, bordados e trabalhos manuais.

O narrador, habilmente, se apodera das informações e faz uma apresentação breve de como foi ingressar na escola formal e de como essa empreitada era desafiadora. Conforme expresso no trecho “Assim, fui levada para a cidade de Caratinga onde estudei por quatro anos. Lá eu morava em regime de internato, na única escola para moças, da cidade”. Nesse cenário, Benjamin (1985) diz que é comum aos narradores buscarem nas vivências e histórias compartilhadas subsídios para suas narrativas. Essa ideia se encaixa perfeitamente na narrativa do aluno/narrador, que compartilha os eventos e a riqueza das experiências e perspectivas da entrevistada.

Na sequência, as memórias da entrevistada dão um salto, o narrador, agora, conta sobre o retorno dela para casa logo após finalizar os estudos. Percebe-se nessa passagem o que apregoa Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. Para isso, há uma demarcação do tempo; o narrador apropria-se da história da entrevistada e demonstra, em

palavras, fatos que construíram a identidade e a vida da detentora dessas memórias. Isso fica evidente a seguinte passagem do texto: “Nesse período exerci a profissão de professora, casei-me em 30 de abril de 1958, mudamos para uma localidade vizinha, eu e meu marido, tivemos dez filhos, trabalhamos muito e juntos adquirimos várias propriedades, construímos uma vida abençoada e muito feliz”. Segundo o grande sociólogo e pesquisador Michael Pollak (1992) a memória é suscetível a variações que dependem do momento em que é evocada ou expressa.

Em seguida, o texto discorre sobre as fagulhas de memória que a entrevistada deixa transparecer em: “Da minha mãe guardo até hoje como lembrança, as vasilhas que ela usava para preparar nossos alimentos, era nos tachos de cobre que ela preparava quase tudo” – trecho que o aluno/narrador apresenta de forma lírica e carregada de sentimento e significado. Agora, são lembranças da cozinha da família: de como a mãe da entrevistada se empenhava em criar receitas, no carinho com que a comida era preparada e de como alguns instrumentos, especialmente “os tachos de cobre”, guardavam a história daquela gente, da família. Conforme Queirós (2019, p. 64), “ao conversar com o subjetivo e o singular de cada um – tanto como o vencido como o ainda por vencer - é que nos inauguramos como humanos”, repletos de histórias e conhecimentos.

Ao findar a análise dessa tarefa, vê-se que o narrador não só transcreveu para uma folha os fatos narrados, mas parece ter vivido e revivido cada fragmento de memória contado, resgatado, trazido à tona desse profundo e intrigante baú onde ficam adormecidas nossas lembranças. Fez, magistralmente, o reconto da vida de quem a expôs por meio das palavras, dos sentimentos expressos e das lembranças rememoradas. Essas lembranças foram tratadas com o devido respeito, como relíquias preciosas que estavam guardadas e ganharam vida através da habilidosa narração do aluno. Faz-nos lembrar aqui o que diz Benjamin (1985, p.213) “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo buscou apresentar, em sequência, o lugar das memórias, como elas são narradas, quem as conta e como conta. Em meio às valiosas contribuições de pesquisadores renomados, procuramos demonstrar, a partir do gênero Memórias literárias, de que maneira, ao colher dados da vida de outras pessoas, os alunos experimentam a prática do ouvir e produzir textos. A experiência aqui descrita apresenta, a partir de uma análise interpretativa do texto escrito, uma pequena, mas significativa contribuição para o trabalho pedagógico em sala de aula.

Ressalta-se que incentivar a elaboração de narrativas que venham da apropriação da história do outro e que deem corpo a ela é uma tarefa desafiadora para o aluno e para quem o

orienta em sala de aula, ainda mais por meio da escrita de um texto memorialístico em primeira pessoa. Escrever não é tarefa fácil. Escrever memórias é registrá-las através da materialização do discurso, como apregoa Benjamin (1985, p. 205), “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. Para Leal (2007, p. 100), “a memória confere, assim, sentido ao passado, bem como ao presente e ao futuro”, portanto, as narrativas no contexto escolar são práticas que colaboram para que os alunos aprendam a transitar entre o passado e o presente, além de possibilitar produções de experiências futuras.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, Porto Alegre., v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

ARAGÃO, M. L. Memórias literárias na modernidade. Santa Maria: **Revista Letras**, n.3, jan./jun. 1992, p. 41-52. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11423/6898> . Acesso em: 13 mai. 2024.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. SP: Martins Fontes, 1992

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

COSTA, A. A. F.; EVANGELISTA, F.; PRADO, G. V. T. **Narrativas que transformam: o que contam os educandos?** São Carlos: Pedro&João, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES JUNIOR, R.C(org.) **Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 243p.

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. **Journal of Narrative and Life History**, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 7, n. 1-4, p. 395-415, 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html#fnb1>. Acesso em: 1 abr. 2024.

LEAL, L. F. V. Leitura e formação de professores. *In*: EVANGELISTA, A. A.M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (org.). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 263-268.

LEAL, L. F. V. Escrita e memória na formação inicial de professores. *In*: SILVA e OLIVEIRA, I.; VIEIRA, M. L. (org.). **Memória, Subjetividade e Educação**. Belo Horizonte: Edvcere, 2007, p. 97-110.

LECH, M. B. **Humanização pela Educação a influência da Pessoa do Professor**. Editora Appris, 2021.

LEITE, J. D.; ALFERES, S. C. Impossibilidades de efeitos da memória na (re)produção de discursividades. *In: Entre a Memória e o Discurso* - Nilton Milanez, Cecília Barros-Cairo, Túlio Henrique Pereira (orgs). São Carlos: Claraluz, 2010.

LESSA, C. H. Análise de autobiografias de alunos da Educação de Jovens e Adultos: ética, estética e alteridade. *In: MACHADO, I. L.; COURA-SOBRINHO, J.; MENDES, E. (org). A transdisciplinaridade em Estudos de Linguagem. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p.125-142.*

MACHADO, I. L. **Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Portugal: Grácio Editor, 2016.

MARCUSCHI, B. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 2, n. 1, aug. 2012. ISSN 2237-9983. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/92/111>. Acesso em: 03 abr. 2024.

POLLAK, M. “Memória e identidade social”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTO, P. C. P. Narrativas memorialísticas: memória e literatura. **Revista contemporânea de educação**, Revista UFRJ, n. 12, ago. /dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/download/1648/1496> . Acesso em: 31mar. 2024.

QUEIRÓS, B.C. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. ABREU, J. (org.). 1ª Ed. Digital. São Paulo: Global, 2019.

RICOEUR, P. **Du texte à l'action: essais d'hermeneutique II**. Paris: Seuil, 1986.

RICOEUR, P. **La memoria, la historia, el olvido**. Madrid: Trotta, 2003.